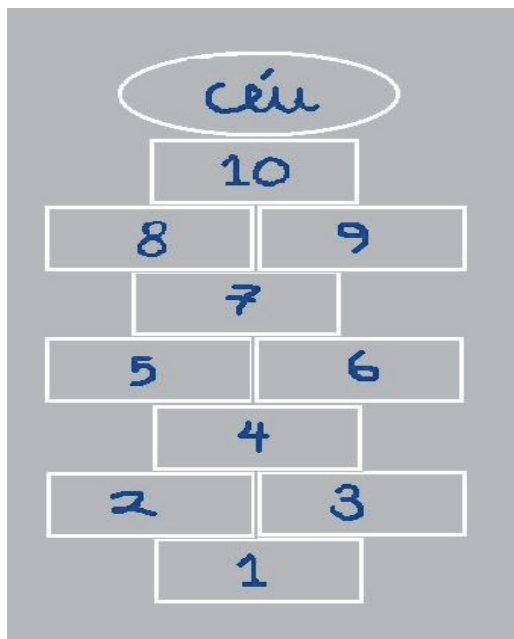


Uma bergamota num táxi: regionalismos no original e na tradução

Harrie Lemmens¹

Tradução de Ana Carvalho²



¹ Harrie Lemmens (1953 – Weert, Holanda) é atualmente o principal tradutor da língua portuguesa na Holanda. Traduziu Fernando Pessoa, Camões, José Saramago, Machado de Assis, João Ubaldo Ribeiro, Luis Fernando Veríssimo, Mía Couto e muitos outros. Traduz também do espanhol, inglês e alemão. Cf. seu trabalho em <www.harrielemmens.nl>.

² Ana Carvalho (1952 – Porto, Portugal) é licenciada em Línguas e Literaturas Modernas (Inglês-Alemão) pelas Universidades do Porto e de Leipzig. Atualmente é Leitora de Português na Universidade Humboldt (Berlim). É também tradutora literária do alemão e do neerlandês (Thomas Mann, Martin Walser, Bredero, Hugo Claus, Cees Nooteboom, etc.).

Em 1963 Julio Cortázar publicou Rayuela, um romance que causou grande sensação por ser narrado à maneira da brincadeira de crianças pular maré ou amarelinha, como é conhecida no Brasil. No Brasil? Bem, melhor dizendo, no Rio, onde lhe chamam também “cademia”. Mas há regiões onde se fala de “pular macaco”, tal como é conhecida em Portugal. No Rio Grande do Sul é “sapata” e em Minas Gerais, as crianças brincam ao “pular maré”. Procurando imitá-las, vou pular aqui de um obstáculo para outro, de uma casa para outra, na maré cheia que pode arrastar o tradutor quando lhe cabe verter literatura de uma língua para outra. Cada “casa” representa um obstáculo específico. Quando se consegue pular de casa em casa sem pisar o risco se alcança o céu, que é o objetivo desta brincadeira. Pode-se então pousar finalmente os dois pés no chão e fazer o caminho inverso. Para descrever este processo também eu vou “pular maré”, de uma cidade para outra, de um livro para outro, de um obstáculo para outro.

Sábado, 14 de novembro de 2015, foi apresentada na Feira do Livro de Porto Alegre a tradução do meu livro *Deus é brasileiro*, um (auto)retrato do Brasil, em parte fictício, pintado com a ajuda de escritores e da literatura. A editora Zouk tinha pedido a Daniel Galera, cujo extraordinário romance *Barba ensopada de sangue* eu traduzira um ano antes, para participar comigo na mesa do lançamento do livro. Durante a nossa conversa passou-se rapidamente e quase sem notar ao fenómeno tradução, que interessava ao Daniel Galera pelo fato de ser também tradutor. A certa altura, alguém do público fez uma pergunta que teve um efeito semelhante à “madeleine” de Proust por desencadear toda uma série de associações e recordações pessoais.

A interlocutora, uma moça meio extravagante, contou que se tinha mudado há pouco tempo para o sul e escutava por todo o lado palavras que desconhecia. Tal como na frase de abertura do livro de Galera sobre o homem que sofre de prosopagnosia: “Vê um nariz batatudo, reluzente e esburacado como uma casca de bergamota.” Só depois de perguntar a um gaúcho do que se tratava é que entendeu que uma bergamota era uma tangerina. Perguntava-me, por isso, se eu sabia dessa diferença e se esta ficara bem explícita na minha tradução. Ou seja: se em vez de ter escolhido a palavra mais corrente eu tinha optado por uma versão regional.

Esta pergunta tem em si um mal-entendido que surge regularmente. Vou chamar-lhe o “mal-entendido das diferenças regionais”.

Eu também não conhecia a palavra *bergamota*, muito embora a imagem usada pelo escritor me sugerisse algo concreto. Graças ao Houaiss, fiquei a saber que se tratava de uma tangerina, *mandarijn* em neerlandês, e traduzi a frase como segue: “Hij ziet een glimmende vlezige neus vol poriën, als een mandarijnenschil.” É esse o nome que se dá a essa fruta na Holanda, onde também lhe chamam, por vezes, *clementine*. Deste modo, mesmo que eu quisesse, nunca poderia fazer o que a moça pretendia. Que interessa ao leitor holandês o fato de haver no Brasil várias designações para o sumarento fruto meridional? Para Daniel Galera a palavra *bergamota* não é de modo algum especial, porque ao descrever a sua casca todo o mundo em Porto Alegre sabe exatamente do que ele está falando. Com uma casca esburacada, ou porosa, como eu traduzi. O leitor holandês imagina assim exatamente o mesmo tipo de nariz do que um leitor brasileiro. E é justamente a imagem ou metáfora que importa.

Um detalhe saboroso é que a palavra *bergamot* também aparece na minha língua, como descobri posteriormente, mas como uma variante de *mandarijn*, *citrus bergamota*. A sua origem é duvidosa: há quem diga que vem da China, outros da Turquia. E a mesma palavra é usada, mas noutro contexto, para designar uma planta de jardim que na botânica adquire a designação latina *Monarda didyma*.

Deixemos agora Porto Alegre e pulemos um mês mais tarde para Amsterdã, onde se realizam anualmente os *Vertaaldagen* (Jornadas da Tradução), um simpósio de dois dias ao redor da profissão de tradutor, com vários oradores e seminários temáticos. São abordadas todas as facetas da tradução de e para neerlandês, também as diferenças regionais. E estas são consideráveis na pequena região linguística neerlandesa.

Um breve *intermezzo*: pode-se por instantes pousar os dois pés no chão. O neerlandês é falado por cerca de 25 milhões de pessoas nos Países Baixos, na Flandres, no Suriname e nas Antilhas Holandesas. (E ainda há o afrikaans que lhe fica muito próximo.) Oficialmente, trata-se de uma única língua, com uma única norma, mas a prática não se deixa guiar por diretivas oficiais. Isso sobretudo devido a um fenômeno tão forte quanto persistente, o dialeto. Tanto nos Países Baixos como

na Flandres abundam os dialetos. Cada província tem tantos dialetos quanto o número de aldeias e cidades, e nestas últimas há, muitas vezes, diferenças até entre bairros. Convém observar que não se trata aqui de diferenças a nível do estatuto ou da classe social, de socioletos, porque estes existem igualmente dentro de cada dialeto; não, trata-se de uma série de palavras, sons e particularidades gramaticais.

Talvez possa explicar o que se passa partindo da minha experiência pessoal. Nasci na província mais a sul dos Países Baixos, Limburgo, uma faixa estreita e longuínea encravada entre a Bélgica e a Alemanha. Numa paróquia com mil habitantes a três quilómetros da cidade de Weert, de que faz parte administrativamente. O meu dialeto é diferente do modo de falar na cidade vizinha, como também se distingue dos dialetos das aldeias das redondezas. Um par de quilómetros é suficiente para, segundo se crê, assinalar um mundo de diferenças. Só comecei a falar neerlandês aos seis anos no ensino básico. Por outras palavras: emocionalmente fui educado numa língua que não era a norma. Conto esta história pelo seu significado não só para a relação entre as várias regiões da Holanda, mas também para a relação entre a Holanda e a Flandres. A metade neerlandófona da Bélgica nunca se sentiu muito bem perante a imposição do ABN (neerlandês que segue a norma geral) que viu a luz em finais do século XIX. Isso deve-se, sobretudo, ao fato de o neerlandês não ter desempenhado até quase meados do século XX um papel significativo nem na burocracia nem na ciência. A burguesia e os políticos exprimiam-se em francês, o cidadão comum falava o seu dialeto e quando tinha de ir ao notário recorria ao francês. A emancipação demorou a chegar e apenas foi conseguida após uma árdua luta linguística, tendo como um dos seus pontos mais altos ou mais baixos a “guerra” universitária de Lovaina nos anos sessenta do século XX, que causou até vítimas mortais.

Embora Antuérpia e mesmo Bruxelas (oficialmente bilíngue mas dominada pelo francês) tivessem nos anos 1960 editoras importantes, o mundo editorial é dominado atualmente pela Holanda, ou melhor, por Amesterdã. As variantes regionais e as palavras de dialeto são aceites na literatura nacional, sobretudo o flamengo, que aos ouvidos do holandês do Norte soa deliciosamente irreverente e moldável. O que os do Norte não sabem é que isso está certo para um grande mestre como Hugo Claus, que cria realmente uma língua flamenga muito própria, mas não para a maioria dos escritores flamengos. Servem-se do seu dialeto porque

encontram nele a linguagem em que melhor exprimem as suas emoções. A aldeia é na Flandres o umbigo do mundo. E Amesterdã, que pensa que é o mundo, passa-lhe paternalmente a mão pela cabeça.

O assunto muda de figura quando se trata de trazer ao país a literatura universal. Para as traduções, o lápis dos corretores é afiado segundo o ABN, para grande frustração dos tradutores flamengos. Mas Tolstoi não escrevia com absoluta certeza em flamengo! O holandês do Norte não quer ficar incomodado e erguer os olhos da sua leitura quando se depara com uma sintaxe ou um vocabulário que relaciona imediatamente com o Sul dos Países Baixos. Por uma questão de comodismo, ele esquece que o neerlandês do Sul, ou seja, o flamengo, tem de ultrapassar a custo um obstáculo de estranheza em cada livro que ele compra fabricado nas repartições editoriais de Amesterdã. Em geral, é assim como uma espécie de glaciador num mar agitado. E para ficar nesta imagem: Países Baixos e Flandres são dois glaciares que se afastam cada vez mais um do outro. “O que separa Portugal e Brasil é a mesma língua”, escreveu uma vez Mauro de Sallas Villar, e estas palavras aplicam-se perfeitamente ao neerlandês.

(Interessante é, naturalmente, saber o que se passa na região linguística de Mauro de Salles Villar. Que as diferenças entre Brasil e Portugal são grandes e aumentam cada vez mais, não é nada de novo, mas como se encara no Brasil as traduções feitas nas suas várias regiões? Um leitor de Belém ou de João Pessoa tem dificuldade em entender uma tradução de um tradutor de Florianópolis ou Curitiba? Em que medida os regionalismos modificam as palavras? Quem nas editoras decide o que é correto e o que é errado?)

Nos *Vertaaldagen* em Amesterdã estavam também presentes muitos tradutores que traduzem *a partir* do neerlandês. Tal como a moça de Porto Alegre me perguntou o que eu fazia com as variantes regionais, perguntaram ao tradutor alemão do escritor flamengo Dimitri Verhulst como é que ele conseguira transpor o caráter específico do flamengo para o alemão. Ao que o tradutor felizmente e muito acertadamente respondeu que essa especificidade não tinha nenhuma importância para a tradução. O leitor alemão não faz a mínima ideia das diferenças linguísticas entre a Flandres e a Holanda. O que ele quer ler é uma história e, sendo a narrativa flamenga mais plástica e barroca do que a fria sobriedade que caracteriza a literatura do Norte, o tradutor tem de procurar passar essas

cambiantes para o seu texto. Mas na língua alemã e não, por exemplo, no dialeto falado na Baviera. Através do estilo e não da língua.

Outro pulo agora para Haia, em finais do mês de agosto de 2014. De novo com Daniel Galera, que tinha sido convidado para falar sobre *Barba ensopada em sangue*, que acabara de sair na Holanda. Eu, como seu tradutor, também estava presente quando Daniel foi entrevistado. No fim da entrevista alguém do público fez uma pergunta sobre a linguagem típica do Sul profundo do Brasil: se isso também transparecia na tradução. Até porque no romance havia também personagens de São Paulo, que têm uma fala diferente. Como transpor essa diferença para o neerlandês? Usar a maneira de falar reconhecível de Amsterdã ou de Roterdã? A tradutora inglesa, uma australiana, resolveu o problema usando alternadamente o inglês falado nos Estados Unidos e na Inglaterra. Uma opção que merece certas reticências, porque, na minha opinião, se está pulando assim entre mundos e realidades totalmente diferentes. Terei, por acaso, de pôr portugueses a falar flamengo e brasileiros, neerlandês? Ou vice-versa? Mas então que dialeto flamengo devo escolher? E que fazer com os autores africanos? Devo vestir-lhes uma capa linguística do Suriname ou das Antilhas? Não, acho que, no máximo, se deve resolver o problema através de pequenos detalhes, usando palavras como bordões. Mas repito: tudo isso não tem grande importância, o que, aliás, vou demonstrar com uma situação inversa.

Para tal teremos de pular em um pé só de regresso a Porto Alegre, onde também se falou, naturalmente, do *Deus é brasileiro*. Nas oito cidades que visito no meu livro, os taxistas desempenham o papel de contadores de histórias. Cada um deles à sua maneira. Com a sua fala regional específica. Mas tudo isso desapareceu na minha versão holandesa. Dificilmente poderia ser doutro modo. Não se pode pôr a falar alguém do Recife à moda de Groningen só para distinguir a sua fala da fala de um taxista do Rio que, de repente, fala à moda de Amsterdã. Isso não funciona.

Mas ainda mais interessante foi o que aconteceu na tradução do livro para português. A tradutora, Mariângela Guimarães, viu-se perante a tarefa especialmente árdua de retraduzir a minha tradução das palavras dos brasileiros para português, mantendo o caráter especial da tradução de que nasceu o original. Em alguns casos foi simples, porque o texto de que eu me servira existia já em português, mas isso claro que não se aplicava às histórias dos taxistas. A tradutora foi, como brasileira, capaz

de (obrigada a?) respeitar a diversidade regional que eu não conseguira verter para a minha língua. Desse modo, tornou a sua tradução verosímil e, ao mesmo tempo, a minha versão original, que era a tradução de um original que deixara de existir. Difícil imaginar algo mais complexo.

Itaparica, 23 de janeiro de 2007, o dia do aniversário de João Ubaldo Ribeiro. Na festa anual em sua honra, desfilam e renascem sobre o palco colocado na praça principal da cidade várias das personagens dos seus romances. Uma delas é o sargento Getúlio, o militar sertanejo, rude e analfabeto.

A linguagem em que esta história é narrada é igualmente rude e descuidada, um português composto por arcaísmos e corruptelas. As frases que vivem dentro da cabeça e saem da boca do sargento Getúlio não são fluentes nem bem construídas, mas são muito claras, transparentes como água e possuem uma enorme força expressiva. Porém, assumem, ao mesmo tempo, um caráter muito pessoal, são sentenças filosóficas e ternamente poéticas. No longo monólogo, em que entram também as vozes dos outros personagens, o sargento Getúlio não mostra tanto a crueldade humana (por mais insensível que seja perante o prisioneiro, que ele trata como um animal, um monstro, uma coisa, o diabo), mas a crueldade de uma região onde um homem não pode ser “frouxo”. Daí que uma das leis do sertão seja fazer justiça pelas próprias mãos. Nesta lógica, torna-se absoluto o poder do sargento sobre o político. É matar ou ser morto neste isolamento selvagem, cruel e inóspito, em que não há espaço para dúvidas, hesitações e reflexão, mas que obriga a agir sem hesitações de uma forma consequente e implacável.

E tudo isto tinha de soar verosímil aos ouvidos do leitor holandês que não conhece o sertão. Ao ler o livro, ele tem de imaginar um homem que fala, ou melhor, escutar as suas palavras. Um analfabeto, mas um homem seguro de si, um pensador coerente, um orador rude que nas suas limitações maneja facilmente vários tipos de linguagem, que remete a Hamlet 3,1 e até cita, ou melhor, parafraseia, sem disso ter consciência, um dos monólogos teatrais mais famosos de sempre:

To be, or not to be: that is the question:
Whether 'tis nobler in the mind to suffer
The slings and arrows of outrageous fortune,
Or to take arms against a sea of troubles,

And by opposing end them? To die: to sleep;
 No more; and by a sleep to say we end
 The heart-ache and the thousand natural shocks
 That flesh is heir to, 'tis a consummation
 Devoutly to be wish'd. To die, to sleep;
 To sleep: perchance to dream: ay, there's the rub;
 For in that sleep of death what dreams may come
 When we have shuffled off this mortal coil,
 Must give us pause: there's the respect
 That makes calamity of so long life;
 For who would bear the whips and scorns of time,
 The oppressor's wrong, the proud man's contumely,
 The pangs of despised love, the law's delay,
 The insolence of office and the spurns
 That patient merit of the unworthy takes,
 When he himself might his quietus make
 With a bare bodkin? who would fardels bear,
 To grunt and sweat under a weary life,
 But that the dread of something after death,
 The undiscover'd country from whose bourn
 No traveller returns, puzzles the will
 And makes us rather bear those ills we have
 Than fly to others that we know not of?
 Thus conscience does make cowards of us all;
 And thus the native hue of resolution
 Is sicklied o'er with the pale cast of thought,
 And enterprises of great pith and moment
 With this regard their currents turn awry,
 And lose the name of action.--Soft you now!
 The fair Ophelia! Nymph, in thy orisons
 Be all my sins remember'd.

Levo ou não levo, é isso. Talvez seja melhor sofrer a sorte da gente de qualquer jeito, porque deve estar escrito. Ou melhor brigar com tudo e acabar com tudo. Morrer é como dormir e dormindo é quando a gente termina as consumições, por isso que a gente sempre quer dormir. Só que dormir pode dar sonhos e aí fica tudo no mesmo. Por isso é que é melhor morrer, porque não tem sonhos, quando a gente solta a alma e tudo finda. Porque a vida é comprida demais e tem desastres. Quem agüenta a velhice que vai chegando, os espotismos e as ordens falsas, a dor

de corno, as demoras em tudo, as coisas que não se entende e a ingratidão, quando a gente mesmo pode se despachar, até com uma faca? Quem é que agüenta esse peso, nessa vida que só dá suor e briga? Quem agüenta é que tem medo da morte, porque de lá nenhum viajante voltou e isso é que enfraquece a vontade de morrer. E aí a gente vai suportando as coisas ruins, só para não experimentar outras, que a gente não conhece ainda. E é pensando que a gente fica frouxo e a vontade de brigar se amarela quando se assunta nisso, e o que a gente resolveu fazer, quando a gente se lembra disso se desvia e acaba se fazendo nada. Padre, ô reverêndio, em suas rezas, lembre dos meus pecados.³

Se fosse possível, teria preferido traduzir o livro todo no meu dialeto, para apreender essa linguagem, porque os sons do neerlandês da minha aldeia natal, uma aldeia de lavradores, são também rudes, ásperos. Nos anos trinta do século passado, na época da grande recessão, mandaram para lá homens, entre eles o meu pai, para desbravar a charneca. Assim soam as palavras no meu dialeto: como as pás a enterrar-se no solo endurecido e barrento dessa terra pantanosa, ou nas urzes secas da charneca que dão firmeza ao solo arenoso. Palavras umas vezes lamacentas, outras vezes áridas, mas sempre com esse som telúrico.

Tinha até uma pessoa concreta em mente. Há muitos anos, a tranquilidade da minha aldeia foi perturbada por um drama que causou sensação, por um conflito entre um homem baixinho e as autoridades. O filho de um lavrador que estava a horas-luz do estatuto de pequeno agricultor, chamemos-lhe Jan, queria construir uma coelheira e teve de requerer uma licença. Recebeu-a sem problemas e passou logo à ação. Nada de especial até o momento em que a inspeção da prefeitura descobriu que ele aumentara alguns metros as dimensões da coelheira e se mudara para lá com a noiva grávida. Quando a polícia o intimou a abandonar a sua construção improvisada para a escavadora poder iniciar os trabalhos de demolição, Jan pegou na sua carabina, deu um tiro de aviso para o ar e entricheirou-se no seu castelo. Seguiram-se escaramuças que fizeram acorrer repórteres de todo o lado em busca de matéria insólita para os seus jornais. Em suma, um caso que fez correr muita tinta.

³ RIBEIRO, João Ubaldino. *Sargento Getúlio*. 11. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1981, p. 99-100.

Foi esse Jan que, indignado e rebelde em relação a todo tipo de controle e de arreliações da burocracia, já antes se afastara mais ou menos da vida que é costume chamar de moderna, que eu vi diante de mim. Um homem com uma visão do mundo rígida, muito direta, cruel e arrojada. Um homem que, embora obedecendo à lei geral, segue quando lhe convém as suas próprias leis. Um homem que no seu comportamento se guia por aquilo a que os gregos chamavam *aretè*, uma mistura de virtude e de coragem. Um homem que exprime os seus pensamentos em palavras simples, mas muito profundas. Na minha leitura, eu escutava a voz de um sertanejo do árido Nordeste brasileiro falando na linguagem rude da minha terra arenosa mais familiar, mas não menos pobre.

Se queria, porém, que o livro fosse acessível a um círculo de leitores mais amplo do que as mil almas dessa mancha de Limburgo, não podia usar os sons que ouvia na minha cabeça. Perante essa impossibilidade, tinha de inventar uma outra maneira. A fala de um homem com quem me cruzasse na rua, num parque ou num bar. E perguntei-me se um bêbedo desempregado num boteco de um bairro popular não seria o equivalente do nosso herói da caatinga. Quero dizer, na linguagem que usa; isso, porque o leitor tem de ter sempre a impressão de que estamos caminhando pela secura agreste do sertão. Com uma missão.

Salvador, 1640. Pela enésima vez, os holandeses da Companhia das Índias Ocidentais, liderados pelo príncipe João Maurício, sitiam a cidade que quinze anos antes tinham ocupado durante doze meses. Sobre os crimes então cometidos, sobre a profanação dos altares e as pilhagens nas igrejas, Antônio Vieira, ainda noviço nessa época, escreveu um relato emocionante e estilicamente perfeito na sua *Carta anual*. Entretanto, já adulto e ordenado sacerdote jesuíta, exímio pregador e diplomata em início de carreira, a partir do púlpito da Igreja da Nossa Senhora da Ajuda, ele não só ataca violentamente os protestantes infames, os hereges violadores de tudo o que é sagrado aos seus olhos católicos, mas também interpela diretamente Deus. Vocífera, invectiva contra Ele. Por que é que Ele ousa fazer o que faz, pergunta. E vai mais longe. Faz-Lhe uma advertência. Tende cuidado, não entreguem o Brasil ao inimigo, porque talvez venhais ainda a precisar de nós:

Se determináveis dar estas mesmas terras aos piratas da Holanda, por que lhas não destes enquanto eram agrestes e incultas, senão agora? Tantos serviços Vos tem feito esta

gente pervertida e apóstata, que nos mandastes primeiro cá por seus aposentadores, para lhe lavrarmos as terras, para lhe edificarmos as cidades, e depois de cultivadas e enriquecidas lhas entregardes? Assim se hão de lograr os hereges, e inimigos da fé dos trabalhos portugueses e dos suores católicos? [...]

Abrasai, destruí, consumi-nos a todos; mas pode ser que algum dia queirais espanhóis e portugueses, e que os não acheis. Holanda vos dará os apostólicos conquistadores, que levem pelo mundo os estandartes da Cruz: Holanda vos dará os pregadores evangélicos, que semeiem nas terras dos bárbaros a doutrina católica, e a reguem com o próprio sangue: Holanda defenderá a verdade de vossos sacramentos, e a autoridade da Igreja Romana: Holanda edificará templos, Holanda levantará altares, Holanda consagrará sacerdotes e oferecerá o sacrifício de vosso Santíssimo Corpo: Holanda enfim Vos servirá e venerará tão religiosamente como em Amsterdam, Midelburgo e Flissinga, e em todas as outras colônias daquele frio e alagado inferno, se está fazendo todos os dias.⁴

Em 2001, incluí numa colectânea das suas cartas e sermões não só a *Carta ânua*, mas também o *Sermão pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda*, que se relacionam diretamente com a Holanda e as hostilidades entre Portugal e a República das Sete Províncias Unidas dos Países Baixos. Mas não é este o lugar mais adequado para entrar em pormenor sobre a natureza destas relações. O que me interessa é a forma como ele usa o Velho Testamento.

O padre dedica-se afanosamente a retirar citações da Sagrada Escritura, ou seja, da Vulgata, que ele traduz do latim para o português. Como acontecia, aliás, na Holanda católica até 1939, quando foi editada a primeira tradução da Bíblia. Na metade meridional dos Países Baixos e na Flandres, ambas regiões católicas, nunca se sentiu a necessidade de uma tal tradução, visto o Velho Testamento ter um papel secundário nos rituais e na profissão de fé. Mas, na sua metade setentrional, os protestantes dispunham já há trezentos anos de uma Bíblia traduzida a

⁴ VIEIRA, Antônio, Pe. *Sermão pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda*, 1640.

partir do texto original, a chamada *Statenbijbel*. Com o detalhe particular de a norma da língua neerlandesa se basear justamente nessa tradução. Se para a Igreja Protestante a palavra sempre foi fundamental, para os católicos são as imagens que merecem todo o seu fervor. Em igrejas despojadas (no ano de 1566 os iconoclastas ceifaram furiosamente todas as imagens sagradas dos seus pedestais), o Verbo era despejado sobre os fiéis ressoando nas paredes nuas. E isso ainda hoje é assim nas pregações protestantes feitas num neerlandês ribombante do século XVII, que ignora a nova tradução ecuménica editada dez anos atrás.

Muito bem, pode-se dizer que, na época em que Vieira invectivava contra Deus, acabara de ser publicada na Holanda a *Statenbijbel*. À primeira vista, isso significava que eu, como tradutor, teria de usar fielmente esse texto. Mas claro que tal não era possível, porque não se pode pôr na boca de um jesuíta do século XVII a retórica praticada até hoje por um pastor protestante. Não seria a primeira vez que a linguagem usada adquire uma conotação política.

A forma como se formulam os pensamentos acaba por trair o conteúdo desses pensamentos. E os pensamentos de Vieira voltavam-se justamente contra os protestantes. Uma fidelidade que leva a inverosimilhança (o quê? um jesuíta a falar como um pastor protestante?!) perde todo o seu sentido.

Isso mostra que traduzir exige infalivelmente uma certa flexibilidade. Do inferno, alagado ou não, até alcançar o céu. Mesmo que tudo não passe de um jogo, de uma brincadeira de crianças.